

DOSTOIÉVSKI, NIETZSCHE E O NIILISMO OCIDENTAL***DOSTOEVSKY, NIETZSCHE AND WESTERN NIHILISM*****Luana Mara Diogo¹**

RESUMO: Nietzsche na filosofia e Dostoiévski na literatura são considerados os dois maiores teorizadores do niilismo ocidental. Nas obras do filósofo alemão, assumido admirador de Dostoiévski, o niilismo aparece como um dos temas capitais. Já o romancista russo utilizará seus personagens conceituais para discutir o sentimento que invadiu a juventude russa de sua época. O tema será abordado a partir do contexto histórico da modernidade, priorizando a obra “*Os irmãos Karamazov*” de Dostoiévski e de Friedrich Nietzsche, os escritos que vão de 1882 a 1889, principalmente os fragmentos póstumos. Partindo desse contexto, pretendemos apresentar a importância da compreensão do niilismo por via do encontro entre o discurso de Nietzsche e Dostoiévski.

PALAVRAS-CHAVE: Niilismo. Modernidade. Morte de Deus.

ABSTRACT: Nietzsche in philosophy and Dostoevsky in literature are considered the two greatest theorists of Western nihilism. In the works of the German philosopher, Dostoevsky's admirer, nihilism appears as one of the capital themes. Already the Russian novelist will use his conceptual characters to discuss the feeling that invaded the Russian youth of his time. The theme will be approached from the historical context of modernity, prioritizing the work “*The brothers Karamazov*” of Dostoevsky and Friedrich Nietzsche, the writings that go from 1882 to 1889, mainly the posthumous fragments. From this context, we intend to present the importance of the understanding of nihilism through the encounter between the discourse of Nietzsche and Dostoevsky.

KEYWORDS: Nihilism. Modernity. Death of God.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo intenta relacionar e dimensionar a importância do niilismo – enquanto movimento que atravessa a história da cultura ocidental -, nas obras de Nietzsche e Dostoiévski. Tendo em vista a grandiosidade do tema, selecionamos dois personagens que por via de seus pronunciamentos trouxeram à luz a questão fundamental que permeia a experiência do niilismo na cultura: em Nietzsche privilegiamos o personagem do “insensato”, da obra *A Gaia Ciência*, e seu discurso na praça do mercado, onde este anuncia a “morte de Deus”. Em Dostoiévski nos detivemos em seu personagem-ideia, Ivan Karamazov, um dos protagonistas da obra *Os Irmãos Karamazov*. É nesta obra que Dostoiévski, através de Ivan fará sua famosa afirmação de que “*se deus não existe tudo é permitido*”. Ambos proferem um discurso onde o niilismo se sobressai por via da supressão do fundamento metafísico do mundo.

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Efetiva de Filosofia junto a Secretaria de Educação do Ceará. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8143048275602765>. E-mail: luanadiogo@yahoo.com.br

A primeira compreensão que se mostra necessária é a da importância da modernidade para a filosofia de Nietzsche e a literatura de Dostoiévski, e como contexto histórico propício ao advento do niilismo. Esse sentimento surge como uma transição do período medieval, onde a crença no transcendente é o elemento norteador dos valores, para o período moderno, onde a ciência, o progresso e a técnica assumem o lugar que antes era ocupado pela metafísica dogmática. Quando o homem tenta superar os valores instituídos pela tradição metafísica do ocidente, este cai em um vazio. É esse vazio que conceitualizou-se niilismo e que cada homem moderno carrega em si.

Numa abordagem de dupla perspectiva, buscamos entender não apenas as origens do termo niilismo, mas como esse acontecimento social pode gerar transformações no homem, seja de uma forma criativa ou destrutiva. Em Nietzsche trabalharemos as duas principais formas de niilismo, que seria o niilismo ativo e passivo. Em Dostoiévski, através do personagem Ivan Karamazov, abordaremos o niilismo como sentimento radicalmente libertador, que finda por aniquilar a condição humana de esperança em uma verdade transcendente, pois o homem segundo Dostoiévski não sabe ser livre.

O pensamento de ambos os autores, embora converjam no que se refere ao tema abordado, divergem no que diz respeito aos posicionamentos diante das consequências e possibilidades do mundo. Não se pode desprezar o fato de que Dostoiévski seja assumidamente religioso, e que por isso, em alguns momentos seu pensamento se afaste de Nietzsche, que despreza categoricamente as crenças religiosas e os valores estabelecidos por estas. Ambos sofrem a influência do niilismo como movimento de passagem, transição de um período onde as verdades metafísicas serviam de critérios de avaliação para a conduta dos homens, em direção a uma época onde estes mesmos critérios entram em franca decadência.

Tanto Nietzsche quanto Dostoiévski foram arautos de um marco cultural, de uma crise que abalou e ainda abala um modelo estabelecido pela tradição metafísica de pensamento, embora revelem diferenças na forma de conduzir esse experimento tão marcante na história de nossa cultura, ainda assim manifestam conjuntamente a inquietação e irreversibilidade que a experiência do niilismo provocou no pensamento moderno.

2. BREVE HISTÓRIA DO NILISMO OCIDENTAL

Etimologicamente, niilismo vem da palavra “*nihil*”, que significa “nada”. É o pensamento centrado no nada, mas é precipitado fixar-se no significado puramente etimológico, visto que o niilismo é muito mais que “nada”, e que encontramos traços niilistas

já na própria mitologia grega, como, por exemplo, em Sileno², sendo pertinente afirmar que o estado psicológico nasceu antes mesmo do conceito propriamente dito.

Na reconstrução histórica do niilismo, o primeiro dado a apurar são suas origens. É opinião comum que Dostoiévski e Nietzsche são os dois fundadores e os principais teóricos do niilismo. Ao primeiro se liga o niilismo de caráter literário; ao outro, o de perfil propriamente filosófico. Mas a palavra em si já fora usada antes deles. Quando e por quem?³

Quem primeiro reivindica a paternidade do termo é Ivan Turgueniev, escritor russo contemporâneo de Dostoiévski. Em sua obra *Pais e Filhos* ele traz um importante encontro entre a geração tradicional russa e a então atual e rebelde, através das figuras de Bazarov, jovem niilista, e a família de seu melhor amigo. Porém se sabe que antes de Turgueniev, na própria Rússia o termo circulava em jornais e revistas da época. Não se pode negar que o conceito ganha notoriedade com o escritor russo, mas não é criação sua.

Na Idade Média Agostinho utilizava a palavra niilista para designar aqueles que não criam em Deus. Na cultura francesa, os niilistas eram aqueles que não se mostravam nem a favor nem contra a Revolução. Dessa forma percebemos que o termo é amplo e que não se limitou a um período ou um país europeu, ele esteve presente em diversos momentos da história. Se unirmos cada denominação para o termo, chegamos a um rico conceito.

Como mencionado anteriormente, os maiores teorizadores do niilismo são Dostoiévski e Nietzsche. Franco Volpi divide a conceitualização de Dostoiévski como literária e de Nietzsche como filosófica, mas podemos aqui afirmar que as teorizações de ambos os autores se confundem entre literatura e filosofia. Este é quem sabe o ponto fundamental para uma aproximação entre Nietzsche e Dostoiévski. Primeiramente temos um filósofo encantado pela literatura, inclusive a do próprio Dostoiévski, e segundo um literato leitor atento da filosofia, e que utilizava seus romances e novelas para lhe lançar críticas, elogios, e antes de mais nada criar conceitos⁴.

² “Não te afastes daqui sem primeiro ouvir o que a sabedoria popular dos gregos tem a contar sobre essa mesma vida que se estende diante de ti com tão inexplicável serenojovialidade. Reza a antiga lenda que o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir capturá-lo, o sábio SILENO, companheiro de Dionísio. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era melhor e a mais preferível para o homem. Obstinado e imóvel, o demônio calava-se; Até que, forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: – Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer” (NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, p. 36).

³ VOLPI, *Niilismo*, p. 11.

⁴Podemos aqui citar dois importantes nomes que utilizarão Dostoiévski como pensador-filósofo para desenvolver questões em suas respectivas áreas, Sigmund Freud na psicanálise e Mikhail Bakhtin na linguística.

O “nada” no homem moderno toma diversas formas. Segundo Nietzsche, o que era primeiramente uma vontade de nada passa a ser um nada de vontade⁵. E o niilismo toma várias formas, positivas e negativas que serão conceitualizadas por Nietzsche⁶. Em Dostoiévski o sentimento aparece sempre em seus personagens intelectuais, homens que o conhecimento levou a descrença no mundo e em sua moral-cristã. Escritor e filósofo, em algumas passagens assumem seus lados niilistas, mas cada um ao seu modo tenta superar esse estado, e vencer esse vazio que corrói o homem moderno.

3. O NIILISMO EM IVAN KARAMAZOV

A obra *Os irmãos Karamazov* se tornou um dos principais escritos de Dostoiévski, levando inclusive Sigmund Freud a escrever um ensaio intitulado *Dostoiévski e o parricídio*. Por ser uma obra de maturidade, o escritor aborda temas já recorrentes em seus trabalhos, agora com mais profundidade. Moral, religião, culpa e pecado são alguns dos temas tratados na obra, estes expressos sob uma manifestação niilista, que permeia não só Ivan, mas todos da família. Podemos pensar de forma alegórica a família Karamazov, onde cada componente representa instâncias sociais, políticas e psicológicas diferentes, onde não existe herói ou vilão, todos são parte importante de um grande acontecimento, que funciona como pano de fundo para desenvolver a história, que é antes de tudo o pensamento conceitual de Dostoiévski, manifestado literariamente.

A obra se inicia com a narração de um dos moradores de uma pequena cidade russa, que acompanha todos os acontecimentos. Os três irmãos, Dimítri, Aliócha e Ivan são filhos de Fiódor Pávlovitch, homem de posses, mas extremamente rude. O pai é visto por muitos como um palhaço, e em certos momentos apresenta-se como um homem devasso e às vezes até cruel. Aliócha, o mais novo, é um rapaz religioso, e vive no mosteiro da cidade. Este se mostra sempre uma pessoa verdadeiramente boa e disposta a ajudar a todos. Ivan, o filho do meio, personagem que privilegiamos, é um intelectual. Rapaz jovem e niilista, traz importantes discussões, e finda por ser a grande chave do acontecimento mais importante do livro, a morte de seu pai por um dos filhos. Por último temos Dimítri Karamazov, o

⁵ NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, p. 140.

⁶ “Enquanto processo de declínio, o niilismo é pensado por Nietzsche na perspectiva da radicalização. Esse processo é constituído basicamente por três momentos: 1) niilismo incompleto, 2) niilismo completo (em sua manifestação enquanto niilismo ativo e passivo) e 3) niilismo radical ou extremo.” (ARALDI, *Niilismo, criação, aniquilamento – Nietzsche e a filosofia dos extremos*, p.110). O niilismo incompleto seria aquele que ainda tenta suplantar o niilismo sem buscar sua superação. Já o niilismo completo, aceita o esvaziamento, mas se desdobra em ativo e passivo. O niilismo ativo possui força para destruir enquanto o passivo aspira ao nada.

primogênito, desprezado desde criança pelo pai, que vive pelas tabernas cercado de mulheres e que retorna a casa paterna para cobrar sua parte em uma herança. Esses são os componentes da família Karamazov, porém um filho bastardo aparece na história. Este vive como criado na casa de Fiódor Pávlovitch, e a questão do parentesco parece ser ignorada por todos. O criado Smierdiakóv, é fruto do estupro do pai Karamazov a uma louca. Sempre submisso ao patrão (seu pai), demonstra grande interesse por Ivan e suas teorias sobre liberdade e Deus.

Logo no início do livro acima citado, os personagens centrais são convidados para um almoço no mosteiro onde vive Aliócha. Quem oferece este almoço é o *stárietz*⁷, figura importantíssima do lugar. Nesse momento os leitores passam a conhecer muito da personalidade dos personagens, e é onde Ivan mostra pela primeira vez seu posicionamento em relação, a Igreja, Deus e liberdade. No pensamento de um dos convidados do almoço aparece um sentimento recorrente entre os russos da época em relação aos jovens. “Ao menos até hoje estive à altura de tudo o que existe de avançado na Europa, mas essa nova geração nos ignora categoricamente”⁸. Essa citação pode resumir também o sentimento dos personagens mais velhos do romance *Pais e Filhos* de Ivan Turgueniev, em relação a juventude russa.

É também no almoço que aparece o célebre pensamento de que se não existe Deus tudo é permitido. O trecho em que o pensamento de Dostoiévski aparece é em um comentário do tio de Ivan, sobre a conversa que este teve com senhoras da cidade.

Não mais que uns cinco dias atrás, debatendo numa reunião social aqui na cidade, em que predominavam senhoras, ele declarou em tom solene que em toda a face da Terra não existe terminantemente nada que obrigue os homens a amarem seus semelhantes, que essa lei da natureza, que reza que o homem ame a humanidade, não existe em absoluto e que, se até hoje existiu o amor na Terra, este não se deveu a lei natural mas tão-só ao fato de que os homens acreditavam na própria imortalidade. Ivan Fiódorovitch acrescentou, entre parênteses, que é nisso que consiste toda a lei natural, de sorte que, destruindo-se nos homens a fé em sua imortalidade, neles se exaure de imediato não só o amor como também toda e qualquer força para que continue a vida no mundo. E mais: então não haverá mais nada amoral, tudo será permitido, até a antropofagia. Mas isso ainda é pouco: ele concluiu afirmando que, para cada indivíduo particular, por exemplo, como nós aqui, que não acredita em Deus nem na própria imortalidade, a lei moral da natureza deve ser imediatamente convertida no oposto total da lei religiosa anterior, e que o egoísmo, chegando até ao crime, não só deve ser permitido ao homem mas até mesmo reconhecido como a saída indispensável, a mais racional e quase a mais nobre para sua situação.⁹

⁷“Monge ancião, mentor espiritual e guia dos religiosos ou de outros monges. A instituição dos *startzi* era muito respeitada pelo povo russo” (DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamazov*, p. 32).

⁸ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamazov*, p. 95.

⁹ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamazov*, pp. 109-110.

Neste fragmento podemos encontrar uma síntese do posicionamento de Ivan em relação a Deus e a humanidade. O próprio movimento histórico em que Dostoiévski, através da fala de Ivan, está inserido impõe o fim da secularização do pensamento. No entanto, somente quando as verdades impostas pelo cristianismo são superadas, o homem pode enfim exercer sua liberdade. O argumento então é o de que o homem só não se permite as coisas por medo de um possível além, de uma punição no além-mundo. Sem imortalidade, a única vida que temos é esta, logo podemos fazer o que quisermos, sem preocupações com a punição em um além-mundo, sem que seja preciso conter nossos instintos e desejos.

Aqui se consuma o nihilismo dostoiévskiano. Não podendo mais explicar o mundo por via de uma moral metafísica, o homem se torna solitário, tendo ele mesmo que navegar em um mar desconhecido. Esta liberdade de que fala Dostoiévski pela boca de Ivan Karamazov, é algo que o ser humano desconhece, inclusive o próprio personagem. O escritor russo nos mostrará que na prática todos os sentimentos da moral cristã que carregamos passam a se configurar na forma de culpa e medo. Podemos ver isso na obra *Crime e Castigo*, e mais uma vez nos *Irmãos Karamazov*, quando Smierdiakóv assume ter matado o pai para pôr em prática as ideias de Ivan. No trecho a seguir o criado diz a Ivan porque assassinou o pai:

– Pegue esse dinheiro e leve-o consigo – suspirou Smierdiakóv – Claro que vou levá-lo! Mas por que o entregas, se mataste por ele? – Ivan olhou para ele com grande surpresa. – Não tenho nenhuma necessidade dele – pronunciou Smierdiakóv com voz trêmula e sacudindo os ombros. – Antes eu alimentava a ideia de começar uma nova vida com esse dinheiro, em Moscou ou, melhor ainda, no exterior, eu acalentava esse sonho, ainda mais porque “tudo é permitido”. Isso o senhor me ensinou de verdade, porque naquela época o senhor me dizia muitas coisas como essa: pois se Deus definitivamente não existe, então não existe nenhuma virtude, e neste caso ela é totalmente desnecessária. Isso o senhor realmente me disse. E foi assim que julguei.¹⁰

Após o encontro com o criado, Ivan vai para sua casa e tem um segundo encontro importante. O encontro com o Diabo. O diabo aparece como a figura de um homem simples e agradável, que tenta fazer companhia a Ivan enquanto este se sente perturbado com a culpa e inicia um caminho sem volta na loucura. Nas palavras do Diabo podemos ver que sua missão está intimamente ligada à experiência da culpa, e que esta é de suma importância para o desenvolvimento da humanidade.

Por uma missão primordial, que nunca consegui entender, fui destinado a “negar”, ao passo que sou sinceramente bom e incapaz de negar. Não, sai por aí negando, sem negação não haveria crítica, e que revista poderia passar sem um “departamento de

¹⁰ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamazov*, p. 816.

crítica”? Sem crítica, só haveria Hosana. Mas, para viver, só o Hosana não basta, é preciso que esse Hosana passe pelo crisol da dúvida, e assim sucessivamente.¹¹

Um homem em crise, afirma a importância de duvidar das evidências. Neste trecho podemos perceber claramente a aproximação entre esse posicionamento e o de Nietzsche, quando este diz que o niilismo é necessário a partir do momento em que ele impulsiona o homem a novas possibilidades valorativas. Se a humanidade vivesse somente de afirmação, nada seria produzido, tudo permaneceria estático. A negação gera mudança, a culpa, o medo pela finitude intransponível da condição humana é um sentimento avassalador, mas fundamental para que haja o novo.

4. A TEORIZAÇÃO DO NILISMO SEGUNDO NIETZSCHE

O niilismo se consuma através do acontecimento anunciado pelo “insensato” na praça do mercado, isto é, a “morte de Deus”¹². É preciso entender que antes de mais nada o niilismo em Nietzsche é amplo e tem suas subdivisões. Podemos encontrar em toda sua filosofia uma associação com o niilismo. Ao mesmo tempo que Nietzsche é um teórico, é também niilista radical; o niilismo para o filósofo se consuma na desvalorização dos valores pré-estabelecidos, especificamente os valores morais atrelados da tradição metafísica-cristã. Esses valores fizeram com que o homem negasse sua própria existência em detrimento de uma possibilidade de transcendência. Podemos entender o niilismo como o extremo que nega não apenas os valores supremos que vão da noção dicotômica de mundos de Platão ao Deus onipotente, onisciente e onipresente do cristianismo, mas a própria condição humana. No entanto, é necessário que se perceba as máscaras que o niilismo possui, ou seja, há mais que um simples vazio.

Como já foi dito anteriormente, o niilismo não pode ser pensado como um conceito de um tempo específico, ou mesmo como um sentimento partilhado por uma cultura específica, existente em um território geográfico. Esse sentimento ultrapassa as barreiras de tempo e territorialidades, encontrando-se nos seres humanos desde a antiguidade até os nossos dias. Nesse conceito há multiplicidade, e encontra-se aí a impossibilidade de fechá-lo em uma resposta direta a pergunta “o que é o niilismo?”. Nietzsche respondeu em poucas linhas, porém foi necessário a discussão em inúmeros momentos de suas obras, para que se

¹¹ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamazov*, p. 831.

¹² NIETZSCHE, *A gaia ciência*, pp. 147-148.

entendesse de fato o fenômeno do niilismo. “*Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao ‘por quê?’ que significa niilismo? – o fato de que os valores supremos se desvalorizaram*”¹³.

Em seus fragmentos póstumos, encontraremos um extenso material em que o filósofo busca a compreensão do advento do niilismo na Europa de seu tempo, e o que significaria esse acontecimento para as próximas gerações. “O que narro é a história dos próximos 200 anos. Descrevo o que está por vir, o que já não pode se dar de outra forma: *a ascensão do niilismo*.”¹⁴. Nietzsche se coloca como o “primeiro niilista consumado da Europa”, e talvez seja esse envolvimento com o conceito que faça o filósofo entender tão bem o sentimento a ponto de prever as saídas para uma superação. A necessidade do niilismo está na sua possibilidade de criação. Os valores antigos perderam sua supremacia e o sentimento de esvaziamento, o sem sentido da existência, tomou conta da humanidade. O que sobrevive ao vazio precisa ser capaz de criar algo, ou a humanidade sucumbirá em seu processo degenerativo, e o homem se transformará no que Nietzsche chamou de “último homem”¹⁵.

O que causa o niilismo não é um vazio físico, uma pobreza mental, é a radicalidade com que tudo que até então dava sentido e valor a existência se mostrou mentira, perceber que foi em vão é algo demasiado pesado para que o homem carregue, mas não há mais como fugir dos acontecimentos. Nenhuma das instituições, religiosas ou políticas, conseguiram seus objetivos, as igrejas não mais convencem através das recompensas, e a modernidade com seus substitutos da religião não foram capazes de fazer uma crítica radical a moral-cristã. O homem perde além da referência metafísica, também uma referência terrena. Para Nietzsche, “até o ponto em que acreditamos na moral, *condenamos a existência*”¹⁶, então quando acontece a superação da moral, o homem não sabe o que fazer com a existência. O mundo aparece como algo sem valor. Porém isso é apenas um estado intermediário, toda mudança traz consigo a insegurança.

O niilismo nietzschiano possui várias faces, em alguns momentos aparece como um estado psicológico, ou seja, de uma forma mais individual e em outros como um problema

¹³ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, p. 289.

¹⁴ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1887-1889*, p. 174.

¹⁵ Na obra Assim falava Zaratustra, Nietzsche tratará das noções de último homem e além-do-homem. Nas palavras de Giacoia: Também para Nietzsche o homem moderno não tem mais escolha: já não lhe é possível recuar dos limiares de autodeterminação definitivamente conquistados; o caminho é para frente e ascendente: o “último homem” deve ser superado, o homem deve superar a si mesmo, dando lugar ao Além-do-Homem. No capítulo sobre a “Auto-Superação”, do segundo livro de Assim falou Zaratustra, Nietzsche afirma que lá onde há vida, há também obediência. Entretanto, obediência sempre pressupõe comando: “Mas, onde encontrei viventes, lá ouvi também o discurso sobre obediência. Todo vivente é alguém que obedece. E o segundo é isso: manda-se naquele que não pode obedecer a si próprio” (GIACOIA, *Corpos em fabricação*, p. 186).

¹⁶ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, p. 472.

social, que lhe dá um caráter mais amplo. Nietzsche irá apontar o desmoronamento dos valores cosmológicos, e mostrará que somente após esse desmoronamento o homem pode iniciar sua caminhada pelo solo da vida mesma. O niilismo como estado psicológico é teorizado por Nietzsche de três formas distintas. A primeira forma é a da insegurança, que se dá quando o homem percebe o desperdício de tempo, e se apavora diante do em vão, da vergonha de ter sido enganado e do medo de não mais haver recuperação. O medo diante do devir torna o homem frágil, não se tem mais nada para ser alcançado. Podemos dizer que essa primeira forma é a falta de finalidade. Não se tem mais o conceito de “fim” para se agarrar.

Niilismo é a conscientização da longa *dissipação* de força, a agonia do “em vão”, a insegurança, a falta de oportunidade de descansar, de ainda se aquietar quanto a alguma coisa – a vergonha diante de si mesmo, como se tivéssemos nos *enganado* por um tempo longo demais...¹⁷

A segunda forma é a perda da crença em uma totalidade. O mundo deixa de ser um todo sistematizado e organizado, e passa a ser concebido como uma natureza livre e caótica. Quando o homem perde a crença no todo perde também em si. O que se mostra é que o todo foi criação do homem que precisava acreditar em seu próprio valor. A totalidade na verdade agia como mecanismo de valoração do homem. Por último temos a descrença no mundo metafísico. O único mundo possível agora é o do devir, não existe mais um mundo verdadeiro e a sua cópia, existe um único mundo que se movimenta e que o homem não mais é capaz de negar. Ele nem mesmo tem forças para tentar. A dicotomia iniciada por Platão, de um mundo verdadeiro e um mundo sensível se desfaz.

O que aconteceu, no fundo? O sentimento de *ausência de valor* foi alcançado, quando se compreendeu que o caráter conjunto da existência não pode ser interpretado nem com o conceito de “meta”, nem com o conceito de “unidade”, nem com o conceito de “verdade”. Nada é obtido e alcançado; falta a unidade abrangente na pluralidade do acontecimento: o caráter do acontecimento não é “verdadeiro”, é *falso...*, não se tem mais simplesmente nenhuma razão para tentar se convencer de um mundo verdadeiro... Em suma: as categorias de “meta”, “unidade”, “ser”, com as quais tínhamos inserido um valor no mundo, foram *retiradas* uma vez mais por nós – e agora o mundo parece *sem valor*...¹⁸

O resultado a que Nietzsche chega é: o que causa o niilismo é a crença nas categorias de “fim”, “unidade” e “verdade”. O ser humano colocou-se como sentido das coisas, agora ele não passa de uma simples parte integrante de um todo que funciona independente dele. O

¹⁷ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1887-1889*, p. 36.

¹⁸ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1887-1889*, pp. 37-38.

filósofo aponta também para um problema patológico do niilismo, quando a falta de sentido é tamanha que aniquila as forças criativas. Aqui a decadência se mostra ainda dominante. Esse niilismo patológico não é capaz de salto algum.

Quando o homem se livra da figura religiosa prende-se ainda mais a moral. Podemos entender como uma forma de substituição de crença, onde o niilista teme cair em sua forma mais extremada, aquela que não há mais crença alguma. O desejo humano durante muito tempo foi o de tornar-se semelhante a Deus, agora não há mais em que se espelhar, a saída é sempre o moralismo. Perde-se muito mais que uma religião, morre junto as lembranças, o passado.

O niilista perfeito – o olhar do niilista, que idealiza no feio, que se mostra infiel às suas lembranças – ele as deixa cair, as desfolha; ele não as protege contra matizes pálidos como um cadáver, assim como asperge sobre elas a fraqueza em relação ao longínquo e passado; e, aquilo que ele não impetra contra elas, ele também não impetra contra todo o passado do homem – ele o deixa cair.¹⁹

Nesse niilista descrito por Nietzsche não há mais vontade alguma. O vazio toma conta de seu presente, passado e futuro. Ele se livra do que ficou para trás, perde o material criativo de uma construção de futuro.

O que fez de Nietzsche o maior teórico do niilismo, é sem dúvida suas conceituações de um niilismo que é capaz de se desdobrar. O filósofo entende o niilismo em diversos estágios e de diversas maneiras distintas, e a compreensão desses estágios é fundamental para se entender a filosofia nietzschiana. Nietzsche classifica o niilismo como passivo ou incompleto, e como ativo, completo ou clássico. “Ele é ambíguo: A) Niilismo como sinal do poder elevado do espírito: como niilismo ativo. [...] B) Niilismo como declínio e retrocesso do poder do espírito: o niilismo passivo. [...]”²⁰. Nietzsche traz primeiro a definição de ativo para depois comentar a respeito do niilismo passivo.

O niilismo ativo, ou completo, se trata de uma força que nasce no homem descrente. Nietzsche aponta para a possibilidade de ter havido um crescimento tão intenso desse niilismo, que os valores tradicionais não mais suprem a necessidade do homem. Seria um niilismo que pede algo mais, que não se contenta com o sofrer calado, com o vazio dolorido deixado pela queda dos valores até então tidos como importantes pelo homem, como a moral e a religião. Com o niilismo o homem não se sente capaz de produzir algo que ocupe o lugar do que foi superado, dessa forma tudo é destruído. O niilista clássico precisa utilizar seu

¹⁹ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, p. 392.

²⁰ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, pp. 289-290.

poder de destruição a seu favor. O filósofo alemão mostra mais adiante que o fim do niilista ativo é exatamente a falta de um fim em si. Nas palavras de Nietzsche temos a seguir a definição do que seria esse niilismo.

Ele poder ser um sinal de *força*: a força do espírito pode ter crescido a tal ponto que as metas *até aqui* se mostrem inapropriadas para ele (“convicções”, “artigos de fé”) – uma crença expressa, em geral, justamente a coerção de *condições existenciais*, uma submissão à autoridade de relações, sob as quais um ser *prospera, cresce, conquista poder...* Por outro lado, um sinal de uma força *não suficiente*, para também *estabelecer*, então, uma vez mais uma meta, um por quê, uma crença. Seu *máximo* de força relativa é alcançado por ele como força violenta da *destruição: como niilismo ativo*.²¹

Se contrapondo a esse estado ativo, temos o que Nietzsche chamou de niilismo passivo, ou algumas vezes chamado de incompleto. Esse estado se trata do sentimento cansado, de uma total desistência diante da vida. O homem busca algo que traga alento a existência que até então se mostrou em vão, e se refugia nas religiões, nas tendências políticas e principalmente na moral. Esse sentimento não é capaz de superar, a sua vontade de nada e afunda o homem no mais completo vazio. Este permanece de forma passiva amarrado a coisas que nem mesmo acredita. Diferentemente do ativo, não há radicalidade nesse estado, e ele não é capaz de fazer sucumbir as verdades impostas pela tradição. Em oposição ao ativo, Nietzsche define da seguinte forma:

Seu oposto seria o niilismo cansado, que não ataca mais: sua forma mais célebre, o budismo: como niilismo passivo. [...] como um sinal de fraqueza: a força do espírito pode se extenuar, pode estar esgotada, de tal modo que as metas e os valores até aqui se mostram como inapropriados e não encontram mais nenhuma crença – o fato de a síntese dos valores e metas (nos quais se baseia toda cultura forte) se dissolver, de tal modo que os valores particulares declaram guerra uns aos outros: decomposição o fato de tudo aquilo que refresca, cura, tranquiliza, anestesia, ganhar o primeiro plano sob disfarces diversos, religiosos, morais, políticos ou estéticos etc.²²

Após classificar os niilismos, Nietzsche se põe como um niilista ativo, pois ele mesmo foi capaz de não apenas ver os valores sucumbirem, mas agir para que estes sucumbissem. Ele se intitula como “radicalmente niilista”. Esse reconhecer-se niilista, de Nietzsche é um ponto alto de sua filosofia, pois temos aqui a certeza de que nenhum homem moderno esteve imune a este sentimento e todos eles estão classificados em um dos dois estágios. A segunda busca do filósofo será entender quais são as causas mais distantes do niilismo. Já sabemos que em

²¹ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, pp. 289-290.

²² NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, p. 290.

um primeiro momento o niilismo se dá pelo desmoronamento dos valores cosmológicos, agora iremos entender quais as demais causas.

Em primeiro lugar, Nietzsche aponta para a falta de espécies superiores. Com o cristianismo, o homem forte torna-se negativo, e os fracos são valorizados. Esse anomalismo traz consequências graves para o desenvolvimento da humanidade. Sem homens fortes, o mundo fica nas mãos dos fracos, e estes não são capazes de sustentar o peso das transformações, eles não são criativos. Por conta dessa valorização do fraco diante do forte, o niilismo começa a tomar conta do homem moderno. São esses homens inferiores, aqueles que Nietzsche considera pertencentes a moral de rebanho, que se sustentam nos valores metafísicos para se livrar das transformações. Esse poder dado nas mãos dos fracos faz com que eles tiranizem os fortes. Os homens superiores não possuem espaço nessa sociedade massificada, seu fim torna-se a decadência e a insegurança. Quando se é minoria, a luta torna-se mais árdua. “*Falta o filósofo, o desvendador do ato, não apenas o reconfigurador*”²³. A vontade do homem enfraquece, ele não mais acredita em si.

Por conta de toda essa depreciação do homem em favor da religião, chega o momento de pagar pelos erros cometidos, segundo as palavras de Nietzsche, “está chegando o momento em que teremos de pagar por termos sido cristãos por 2500 anos”²⁴. Porém, o homem não supera os dois milênios, ele permanece cristão mesmo sem crer em Deus. O homem se liberta do que é terreno, a moral torna-se mais presente, a dicotomia bem e mal ainda se mostra necessária, o que é natural ainda é desprezado e a instituição representante da fé cristã consegue penetrar em todas as esferas da sociedade, inclusive a esfera política. A incapacidade de libertação gera niilismo.

5. O NIILISMO COMO TRANSFORMAÇÃO

Embora o niilismo seja pensado como um sentimento de esvaziamento, e se mostre muitas vezes como algo nocivo ao homem, há uma grande força que está por trás desse sentimento e que é capaz de transformar. Quando se está vazio, há espaço para ser preenchido, no caso do niilista, descrente de tudo, a força que vive calada dentro do nada, pode impulsionar para a criação de algo completamente novo e positivo. Quando Nietzsche aponta os dois tipos de niilismo, neles estão as possibilidades de mudança, ou de queda. Acima de

²³ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, p. 295.

²⁴ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1887-1889*, p. 56.

tudo vemos que a queda é capaz de trazer mudança. “O niilismo não é apenas uma consideração sobre o ‘em vão’!, nem apenas a crença em que tudo merece perecer: participa-se ativamente, *leva-se a pique...*”²⁵. Se o homem é então capaz de com suas próprias mãos destruir, ele é capaz de construir, tendo em vista que a própria desconstrução a sua maneira, é uma construção.

Em um subtítulo de seus fragmentos póstumos, Nietzsche aponta os sinais de fortalecimento do niilismo.

N. B. princípio: há algo de decadência em tudo aquilo que indica o homem moderno: mas bem ao lado da doença encontram-se sinais de uma potência da alma não colocadas à prova. *As mesmas razões que produzem o apequenamento dos mesquinhos impelem os mais fortes e os mais raros a ascender à grandeza.*²⁶

Neste trecho, o filósofo mostra como o niilismo pode ser transformador tanto para os mais fracos como para os mais fortes. A modernidade prega sentimentos de compaixão e humildade que, segundo Nietzsche, transformam o homem em um animal dócil e medroso. O niilismo nos fortes gera grandeza, impulsiona para a transformação do estado atual para um estado completamente novo. Porém nos mais fracos, ou mesquinhos como denomina Nietzsche, o niilismo afunda o homem em um vazio que se não houver uma força característica do próprio homem, este sucumbirá sem conseguir mais retornar.

O problema do século XIX. Saber se o seu lado forte e seu lado fraco se competencem. Se eles são feitos da mesma madeira. Se a diversidade de seus ideais, cuja contradição está condicionada em uma finalidade mais elevada, se mostra como algo mais elevado. – Pois poderia ser a predeterminação para a grandeza crescer nessa medida, em uma violenta tensão. A insatisfação, o niilismo *poderia ser um bom sinal.*²⁷

Para Nietzsche, o niilismo só pode servir de trampolim para os fortes, pois estes já carregam consigo uma grandeza.

Depois da análise feita neste artigo a respeito do fenômeno niilismo, percebemos que este ocorre em diversos momentos da história ocidental. O sentimento de vazio encontra-se no homem antigo e percorre toda a humanidade até chegar ao homem contemporâneo. Nietzsche perceberá a importância desse sentimento, como sendo ele a chave que abre a porta para que o homem moderno se liberte. O mundo vive uma eterna construção, que em certo momento

²⁵ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1887-1889*, p. 46.

²⁶ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1884-1885*, p. 460.

²⁷ NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos 1885-1887*, p. 372.

gera sempre uma desconstrução.

Visão de conjunto

De fato, todo grande crescimento também traz consigo um desmoronamento e um perecimento descomuns:

O sofrimento, os sintomas do declínio pertencem aos tempos de um avanço descomunal.

Todo movimento fecundo e poderoso da humanidade criou ao mesmo tempo um movimento niilista.

Sob certas circunstâncias, o fato de a forma mais extrema do pessimismo, o niilismo propriamente dito, ter vindo ao mundo seria o sinal de um crescimento incisivo e de todos o mais essencial, de uma transição para o interior de novas condições existenciais.

*Foi isso que compreendi.*²⁸

É natural que o vazio venha para preencher aquilo que está sendo posto de lado, substituído. Nietzsche compreendeu principalmente porque ele viveu. O movimento niilista que o filósofo vive é o que surge após o advento da “morte de Deus”, ou seja, ele vive esse momento intensamente porque ele próprio teve coragem de o anunciar, e desse modo, podemos compreender Nietzsche como um niilista ativo. No entanto não podemos definir Dostoiévski da mesma forma, por este se encontrar mais próximo do pessimismo russo, ou seja, do niilismo passivo.

Dessa forma entendemos que o niilismo, sendo ele ativo, é capaz de fazer com que o homem supere não apenas o vazio, mas através de um sentimento criativo, faça nascer um novo momento. Dostoiévski não superou sua crença, mas foi capaz de criar uma nova forma de escrita e pensamento, ou seja, embora só o niilista ativo possa transvalorar o passivo a seu modo é também capaz de criar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da dupla perspectiva apresentada no texto, podemos observar que o advento do niilismo não se reduz a um simples sentimento ou estado psicológico de indivíduos particulares, mas um traço histórico que carrega uma significação grandiosa na forma de uma manifestação, ainda que muitas vezes velada, dos valores instituídos pela cultura ocidental. Na modernidade ele surge quando o homem deixa de crer nos valores pré-estabelecidos pela tradição metafísica e continuados pela moral-cristã, valores estes que até então serviam de

²⁸ NIETZSCHE, *Fragments póstumos 1885-1887*, p. 386.

modelo para várias instâncias da vida do homem moderno.

Partindo dessas considerações, podemos entender também porque Nietzsche e Dostoiévski são considerados os grandes teorizadores do niilismo. Nietzsche por via de sua filosofia transforma o tema do niilismo em um de seus temas capitais, através deste tema ele realiza uma conexão indissociável com seus conceitos mais fundamentais, sendo a ultrapassagem do niilismo o ponto intransponível para a realização de seu projeto de “*transvaloração de todos os valores*”. Em seus fragmentos póstumos podemos encontrar a diferenciação dos niilismos ativo e passivo, e qual a importância de cada um deles como processo de transformação da cultura ocidental. Nietzsche nos mostra que essa passagem pelo niilismo é necessária para que o homem não sucumba ao acontecimento da “morte de Deus”, e possa a partir disso tornar-se um criador de valores. Dessa forma, podemos entender que o niilismo embora seja um experimento que manifeste declínio das forças criativas e um certo embotamento no que diz respeito ao sentido da existência, - antes pautado pelo elemento transcendente -, ele também é capaz de propiciar ao homem a possibilidade de um salto em direção a uma esfera onde o homem é criador de seus próprios valores.

Em Dostoiévski é através de sua literatura, com seus personagens conceituais que se dá a teorização do niilismo. Com o personagem Ivan Karamazov, o niilismo se mostra um sentimento devastador, capaz de gerar consequências graves aqueles que vivem na descrença, incrédulos em uma verdade transcendente. Tais consequências podem se manifestar num estado de loucura e solidão, estados estes, próprios daqueles que já não encontram na existência um sentido último a que se agarrar. Através dos desfechos dados por Dostoiévski aos seus personagens niilistas podemos perceber seu posicionamento diante do conceito. O escritor enxerga o niilismo como um perigo iminente capaz de gerar dor, culpa e desespero, e talvez somente diante de uma redenção, este homem possa superar o sentimento de vazio que a ausência do elemento transcendente provocou.

Para finalizar o presente artigo, encontramos na teorização de Nietzsche o niilismo ativo, ou completo, que carrega a possibilidade de superação deste em direção a uma mudança na perspectiva valorativa da existência. O evento do niilismo na modernidade, tem a capacidade de destruir tudo aquilo que estava posto e que se mostrou como uma ilusão milenar, mas esse mesmo niilismo, vivido até suas últimas consequências, assim o pensou Nietzsche, é também capaz de com as mesmas mãos da destruição construir algo, elevar a existência do homem para uma nova experiência, mais criativa e sem ressentimentos com os enganos do passado. Nietzsche aponta para uma criatividade transformadora, que nos conduz para algo ainda não experimentado por nossa cultura.

Nietzsche e Dostoiévski foram nossa inspiração conceitual e poética, pois em ambos encontramos os elementos constitutivos para o desenvolvimento desta pesquisa. Suas obras abrigam uma fonte inesgotável no desvendamento de questões relevantes para a filosofia e a literatura contemporânea, enfim, relevantes para a vida, esta vista como lugar intransponível de constantes superações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASANOVA, Marco Antônio. **O instante extraordinário**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Os irmãos Karamazov**. São Paulo: Editora 34, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Oeuvres philosophiques complètes – XII – Fragments posthumes (automne 1885 – automne 1887)**. Ed. crítica org. por Colli e Montinari. Trad. Julien Hervier. Paris: Gallimard, 1978.

_____. **Sobre o niilismo e o eterno retorno**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008^a.

_____. **O nascimento da tragédia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Fragments Pós-tumos: 1884-1885: Vol. V**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **Fragments Pós-tumos: 1885-1887: Vol. VI**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Fragments Pós-tumos: 1887-1889: Vol. VII**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

VOLPI, Franco. **O niilismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GIACOIA, Oswaldo. *Corpos em fabricação*. In: **Natureza Humana**, vol. 5, nº 1, 2003, pp. 175-202.

ARALDI, Clademir Luís. **Niilismo, Criação, Aniquilamento – Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo: Discurso Editorial. 2004.